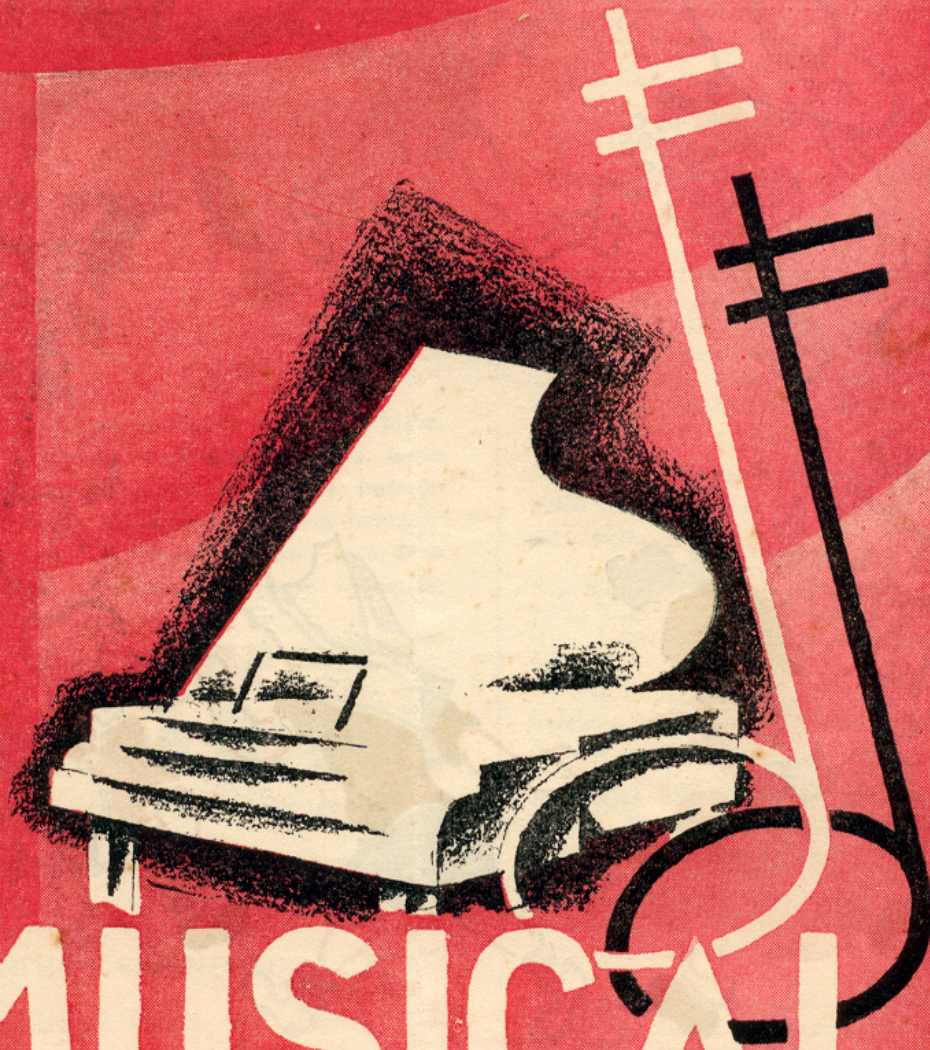


# RESENHA



# MUSICAL

F.C.

Diretor: PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA

Redatora: PROFA. ONDINA F. B. DE OLIVEIRA

R. Cons.º Crispiniano, 79 - 8.º andar — S. PAULO

ANO IV

SÃO PAULO — FEVEREIRO — 1942

NÚM. 42

# A Sair, Brevemente!



Agostino Cantú

TRÊS PEÇAS FÁCEIS PARA CRIANÇAS

- 1) O Garotinho Alegre
- 2) O Urso do Circo
- 3) João Minhoca

EDIÇÕES I. M. L.

SÃO PAULO



**Onde os  
GRANDES MESTRES  
revivem...**

Animado por suas mãos de artista, o piano BRASIL reviverá os grandes mestres. É de mecanismo perfeito, de sonoridade impecável. Louvam-no os interpretes mais famosos. Encha seu lar de harmonias com esta obra prima que é o orgulho da nossa industria.

**S. A. NARDELLI**  
**Pianos Brasil**

Rua Stella, 63 — Tel. 7-5214 e 7-2274 — S. Paulo

**PEDIMOS AOS NOSSOS PREZADOS ASSINANTES A FINEZA DE NOS AVISAR SEMPRE QUE HOUVER MUDANÇA DE ENDEREÇO, EVITANDO EXTRAVIOS NA REMESSA DA NOSSA REVISTA.**

## **Aos Leitores**

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil e no exterior.

Registrada de acôrdo com a lei e no D.I.P.

Assinatura anual .....	20\$000
Idem, semestral .....	12\$000
N.º avulso c/ suplemento	3\$000
Suplemento avulso .....	3\$000

Fundada em Setembro de 1938.

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido diretamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas crônicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotografias e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, é expressamente proibido.

Colaboração nacional e estrangeira, escolhida e solicitada.

RESENHA MUSICAL não devolve originais. Suplemento Musical, especial.

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, números atrasados, extraviados ou anteriores à data da assinatura.

Correspondentes em quasi todas as cidades do Brasil. Aceitamos representantes em qualquer cidade do país ou estrangeiro.

**ANUNCIOS: FONE 5-4630.**

Redação: Rua Cons.º Crispiniano, 79, 8.º andar — S. PAULO.

## MOLÉSTIAS DOS VIOLINISTAS E DOS PIANISTAS

Ordena a ética jornalística declaremos que uma parte desta crônica consta de uma sofrível tradução que fizemos de um estudo inserto na revista musical francesa "Le Menestrel", de 12 de Dezembro de 1930, de autoria de L. E. Garcia, e a outra parte representa uma modesta enxertia de algumas observações nossas.

Trata-se de um assunto um tanto relevante e que sempre permaneceu em completo descaso entre nós. Em regra os professores de música, absorvidos unicamente com os encantos e segredos da *Ars Magna*, ignoram por completo os preceitos da mais rudimentar Pédagogia, Higiene, Psico-fisiologia, da medicina em geral, o mesmo acontecendo com a maior parte dos progenitores dos futuros virtuosos, preceitos estes que exercem decisiva influência sobre a saúde dos aprendizes. Daí a razão por que um extremoso pai ao entregar uma criaturinha a um professor para iniciá-la nas belezas da Divina arte, mal sabe que vai fazer de seu adorado rebento um doente, condenando-o talvez a uma prematura morte.

Não é pequeno o número de instrumentistas que têm sido vítimas de moléstias originadas pelo exercício de sua arte, notadamente a peste branca; muitos conhecemos pessoalmente e de muitos mais nos

---

N. da R. — Este valioso artigo foi transcrito da "Folha de Minas" (25-12-41), de Belo Horizonte.

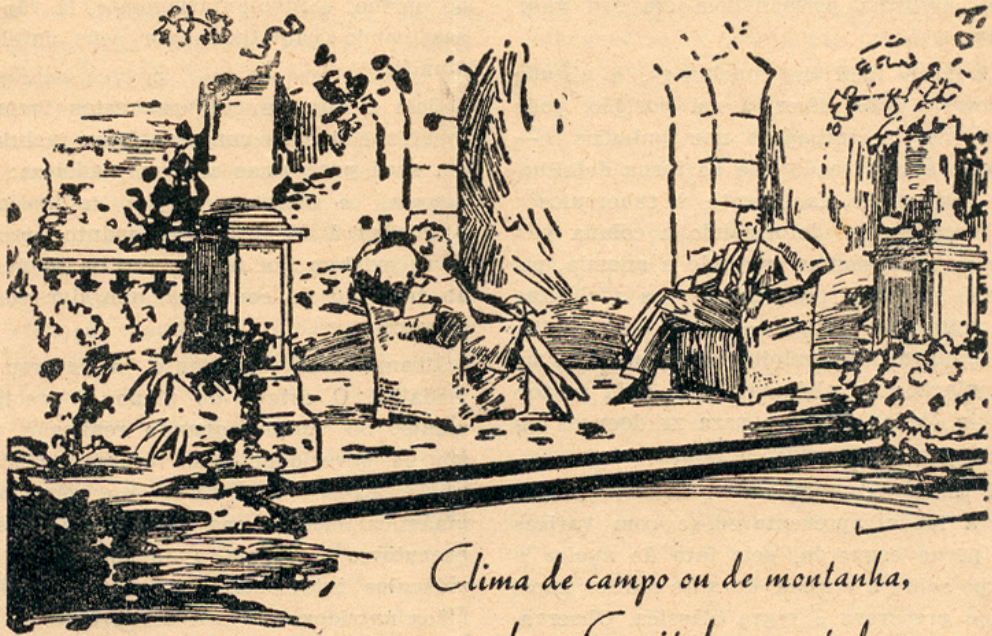
dá notícia a História da Música. Podemos afirmar que a grande maioria destes contraíu o mal, devido à má posição com que executa seu instrumento, de arco ou teclado, aliada a um estudo mal dirigido.

O esforço muscular e o esforço intelectual produzem, cedo ou tarde, diferentes perturbações do organismo entre aqueles cuja profissão requer o sedentarismo, a imobilidade, embora relativa. Os pais e os professores são, o mais das vezes, os responsáveis diretos pelos males físicos de seus filhos e discípulos; além disso, as necessidades profissionais e a vaidade incitam-lhes a estafá-los; mesmo porque desconhecem os métodos modernos que visam obter um *maximum* de resultado de um *minimum* de esforço.

Como causas primordiais das diversas perturbações patológicas no organismo dos estudantes, podemos enumerar as quatro seguintes: a) má posição do corpo; b) o local do estudo mal arejado; c) claridade deficiente; d) excesso de trabalho e insuficiência de repouso.

Falta de ar e falta de luz! tais são as duas causas mais nefastas à manutenção da saúde entre os sedentários em geral. O povo, na sua ingênita sabedoria, sempre disse: onde não entra o sol, entra o médico e, com razão, vemos que o sol é o melhor médico e, ao mesmo tempo, a melhor farmácia: cura todos os males e contém todos os remédios; por isso mesmo, tem sido adorado como Deus por muitas gerações.

Sobreleva ponderar que é sempre considerado sedentário um estudante de violi-



*Clima de campo ou de montanha,  
em plena Capital e com todo o  
conforto das grandes cidades, só no*

*Jardim - América  
ou no  
Pacaembú*

*- as duas maravilhas de urbanismo  
da metrópole paulista.*

Inscrições N.ºs. 8, 11 e 14, nas 26, 44 e 54 Cirs.

# COMPANHIA CITY

*A maior organização imobiliária e urbanística da América do Sul estabelecida em S. Paulo desde 1912*  
**89. RUA LIBERO BADARO**

no, piano, etc., pois que terá de dedicar uma grande parte de sua vida ao estudo e prática do instrumento, o que reclama uma diuturna permanência em seu gabinete.

Como é fácil de concluir-se, a atitude incorreta, vale dizer, a má posição, pode ocasionar perturbações nos pulmões — devido à respiração que se torna defeituosa, conduzindo, facilmente, à tuberculose; na ossatura, — deformando a coluna vertebral, as espáduas, gerando a anemia, podendo provocar, igualmente, as moléstias do peito; no coração — dando em resultado taquicardias, palpitações, distúrbios na circulação; no abdomen — o qual se tornando caído, concorre para as doenças no estômago, fígado, rins, intestinos, etc.

É muito comum os violinistas já de certa idade apresentarem-se com varises na perna esquerda, pelo fato de apoiar o corpo sobre a mesma, durante muitos anos, como prescreve a regra clássica. Observamos, também, que, com o tempo tornam-se prognatas; é conhecida a expressão: queixo de rabequista. Da falta de arejamento no local de estudo provém, em linha de regra, a tuberculose.

A claridade incompleta, predispõe às moléstias da vista. E o trabalho exaustivo, sem descanso adequado, conduz aos múltiplos e variados males nervosos: neurastenia, fadiga muscular, anemia cerebral, insônia, inapetência, suadção excessiva, emotividade exagerada, não sendo poucos os que atingem a demência.

Há outrossim, um gênero especial de caimbras, chamado: caimbras dos violinistas e dos pianistas, de fundo todo nervoso; a esse respeito, vale a pena lêr o respectivo capítulo do livro: "Como Se Deve Viver", do dr. Gebhardt.

Depreende-se, pois, que qualquer das quatro causas é terrível fonte de mui tristes males, sendo que a atitude do corpo é a mais perigosa; e esta, só um professor sobremaneira competente, é capaz de ensinar e corrigir.

Mais por ignorância que por inadvertência, os mestres, principalmente no interior não ligam a menor importância a esta face do ensino, e involuntariamente, lá vão assassinando paulatinamente seus infelizes alunos.

Com o fito de conjurar estes inconvenientes é que os conservatórios incluíram em seus programas as duas cadeiras: Pedagogia, e Ciências Físicas e Biológicas Aplicadas à Música. Mas quantos professores existem por aí que jamais se deram ao trabalho de compulsar um livro deste gênero?

Examinemos, entretanto, o reverso da medalha. O estudo do piano e, precipuamente, do violino, quando realizado dentro da severidade das regras clássicas, transforma-se em verdadeiro exercício de ginástica sueca e mesmo atlética, e seus executores tornam-se robustos, com os músculos intercostais, do peito, braços e mãos nutridos, fortes e desenvolvidos; um coração perfeito e educado, pulmões possantes e sãos. O peor é que tais vícios são adquiridos na infância, sendo que a tendência natural é mesmo para arquear as costas, o que comprime e achata a base dos pulmões, indo, conseqüentemente, refletir na respiração, estando pois, traçado o caminho da tísica; e uma vez contraída a má posição, é muito difícil corrigi-la; mais fácil é entregar-se um instrumento pela primeira vez a um menino, e, ministrando-lhe um ensino consciencioso, fazer dêle um perfeito artista, que, no mesmo trato de tempo, tirar as arestas de um velho músico que teve a desventura de ser moldado por inhábéis mãos; estas arestas tornam-se petreas, e não há escoro que as vença.

Não se deve nunca esquecer que por hora, na média, cada pessoa aspira mil vezes; qualquer modificação de caráter permanente neste número, força os pulmões e repercute infalivelmente na saúde; além do mais o indivíduo que se deixa dominar por este defeito, acaba por mantê-

lo mesmo fora da presença de seu instrumento.

Uma particularidade muito interessante entre os virtuosos, é o fator de, quando executam, não lhes ser possível pronunciar uma palavra, sem pararem com a peça; estes, quando terminam, vão falr, e ficam visivelmente roucos, a princípio, o que acontece, igualmente, com muitos ouvintes; o motivo desta rouquidão passageira está em que tais pessoas de alma sensível, fino temperamento e organização delicada e aprimorada, em êstes momentos de elevação espiritual, ficam como que em estado de transe, magnetizados, por bem dizer, em êxtase, e, por isso mesmo, há uma momentânea parada no fenômeno da salivação, o que dá em resultado, uma secura na garganta. Ora, êsse fato continuado pode ocasionar perturbações na laringe, e o artista qua sabe disto, já numa pausa ou outra, aproveita e, para lubrificar a garganta, maneja a saliva. Em face destas considerações não será fácil explicar a insanidade mental de Schumann e de Smétana? a tuberculose da laringe de Paganini que morreu aos 57 anos completamente átono a tuberculose pulmonar de Chopin, Mozart e tantos outros? a surdez e a misantropia de Beethoven? a perda da vista de Haendel e de Bach?

Mas si vários destes gênios não atingiram a idade de 40 anos, como: Mozart, Schubert, Weber, Chopin, Belini, Bizet, muito maior é o número dos sexagenários, setuagenários e outros que penetraram no último quartel de um século de existência; entre eles: Bach (65 anos); Haendel (74); Haydn (77); Verdi (88); Saint-Saens (mais de 80); Paderewski (81); Sinding (85).

A quem possa interessar um estudo bem feito sobre o assunto, tomamos a liberdade de indicar a bela obra: "Maladies Professionnelles et Hygiène du Musicien", do dr. J. Flesch. Este ilustrado médico vienense, é irmão do mais afamado professor de violino do mundo, Carlos Flesch, atualmente exilado nos EE. UU., pelo crime original de pertencer à raça que legou ao mundo Jesus Cristo e os maiores pináculos da humanidade. Este pequeno e substancial livro, de menos de duzentas páginas, é essencial a todo músico e indispensável a todo médico.

Que estas nossas observações simples mas bem intencionadas abram os olhos dos pais e agucem a curiosidade dos professores, é o nosso desejo, certos de que muito mal poderá ser evitado e muito bem poderá advir.

**NOVIDADE!**  
**Quertzodont**  
CREME DENTAL  
LIQUIDO

NAS FARMÁCIAS, DROGARIAS,  
PERFUMARIAS, ARMARINHOS  
E NAS FARMÁCIAS CATEDRAL:  
PRAÇA DA SÉ, 152 E LARGO 7 DE SETEMBRO, 30



## "Resenha Musical"

PÓDE SER LIDA NAS SALAS DE LEITURA DAS PRINCIPAIS  
BIBLIOTECAS, DOS MAIORES HOTEIS E CLUBES DO PAIZ



**USAI**  
NAS VOSSAS  
VIOLAS, VIOLÕES,  
CAVAQUINHOS,  
BANDOLINS,  
E GUITARRAS

AS AFAMADAS  
CORDAS VERDEGAES

**"Sem  
Rival"**



URIO BECCATO & IRMÃO

Rua do Gazômetro, 66 - Fone: 2-9977  
SÃO PAULO

**JPC**  
*Papelaria Sul da Sé*

### TIPOGRAFIA

Impressos em geral — Encaderna-  
ção, Douração, Carimbo de Borra-  
cha, Alto Relevo

### PAPELARIA

Completo sortimento de artigos para  
escritórios, desenho e escolares. —  
Importação direta

•  
**J. PECORA & CIA.**  
RUA JOSÉ BONIFACIO, 325  
Telefone, 2-5399 — S. PAULO



## Floricultura Augusta

Rua Augusta 973 — São Paulo

ORQUIDEAS

## Bulbos sulfricanos

ULTIMAS NOVIDADES

Planta-se neste mês, para embelezar o jardim  
no inverno

Lista dos preços gratis



# Inpressões Norte Americanas

Prof. Luiz Heitor Corrêa de AZEVEDO

(colaboração especial para  
a "Resenha Musical")

I, II e III no número de Setembro,  
1941; IV, V e VI no número de  
Janeiro, 1942.

## VII

Syracuse, N. Y., 30 de Novembro de 1941

Há 3 dias que vivo num alegre pandemium de música e trabalho. "There's music in the air today", constatava, anteontem, um dos jornais locais, comentando a reunião, nesta cidade, de 900 crianças, 500 professores e 100 personalidades por outros títulos ligados aos acontecimentos, para assistirem à Convenção anual da **New York State School Music Association**.

Estou magnificamente instalado num luxuoso quarto do **Hotel Syracuse** que, com o **Onondaga**, situado dois quarteirões adiante, é o **headquarters** da Convenção. No primeiro acham-se hospedados os professores e realizam-se as sessões. O segundo abriga os estudantes e seus ensaios musicais. O movimento, nesses dois hotéis, é de atordoar. Vai-e-vem contínuo de pessoas apressadas, mas que se conhecem, e param um instante para conversar; elevadores que sobem e descem carregados de gente; repórteres que entrevistam e tiram fotografias (tive a minha, com Violeta e C. V. Buttelman, Secretário Executivo da **Music Educators National Conference**, numa das folhas locais); sons mu-

sicais e sons oratórios; atividades paralelas a todas as horas do dia.

No último andar do **Hotel Syracuse** acha-se uma Exposição de edições musicais, instrumentos de música, uniformes para bandas e coros escolares, e vários outros artigos ligados aos objetivos da Convenção. Caminha-se com dificuldade por entre a multidão de professores que examinam os mostruários. No grande **ballroom**, à esquerda, têm lugar as sessões de estudo, demonstrações experimentais, pequenos concertos. À hora das refeições os trabalhos continuam, porque os grupos encarregados de algum debate especial têm **business luncheons**, durante os quais, com uma habilidade e uma eficiência de que fui testemunha, tendo participado de um desses repastos, são tomadas decisões e traçados programas.

Mas o aspecto mais curioso e mais alegre é o do **Hotel Onondaga**, onde estão hospedados 900 rapazes e garotas, vindos de 200 escolas secundárias diversas, do Estado de Nova York, para participarem dos grandes conjuntos instrumentais e vocais que, no concerto de hoje à noite, demonstrarão o que é o ensino musical não profissional no sistema educativo do Estado. Com essa menina que antes se tinha encontrado, foram organizadas 2 grandes bandas (a azul e a vermelha),

PIANOS DE QUALIDADE

*Compra e Venda.*

**Casa ALBINO DE MORAIS**

RUA BARÃO DE PARANAÍACABA, 69 — TELEFONE 2-5096

A CASA QUE VENDE OS MELHORES PIANOS

MODAS  
para  
HOMENS  
e  
SENHORAS

**OTTO  
MEIER**

RUA CAIO PRADO, 375 TEL. 4-0397-S. PAULO

Especialista em calças para praia,  
esporte, hípico, etc. — Confeção  
fina de vestidos, manteaux e tailleurs

**Suportes  
Siebner**  
**ORTOPEDISTA**

*Flexibilidade*

Carateristico  
dos nossos suportes  
Um alivio para o  
mal-estar dos seus pes.

**RUA AUGUSTA, 2514  
TEL. 8-3089-S. PAULO**

**Grande Liquidação Semestral**

VISITEM AS NOSSAS EXPOSIÇÕES

E VERIFIQUEM AS GRANDES VANTAGENS QUE

**Oferecem os nossos preços**

GRANDES REDUÇÕES EM TODAS AS SECÇÕES

**PREÇO FIXO S/A**

RUA DIREITA, 250-254  
S. PAULO

RUA QUITANDA, 157  
SANTOS

com 200 executantes em cada uma, uma orquestra sinfônica de 150, um coro feminino e um coro misto. Todo o hotel vibra com a música e com a irradiação da presença juvenil. Há ensaios parciais por todos os cantos. Abrindo uma porta deparamos com uma secção de tubas preparando suas partes. E, como é normal aqui e não causa a ninguém a mais leve estranheza, encontramos diversas meninas a soprar, corajosamente, o pesado instrumento (uma delas, magrinha e clarinha, não podia ter mais de 11 ou 12 anos). Pelos salões e corredores do hotel, mezas armadas em cavaletes, para um serviço de emergência, destinam-se às refeições estudantis. "Só temos tempo para comer e para ensaiar", queixou-se a um repórter um dos **boys**. A disciplina é severa. O programa do dia, impresso e distribuído por todos, contém as prescrições a observar; "às 11 horas, rezava o de ante-ontem, todos nas camas e com luzes apagadas". Ontem, entretanto, os jovens músicos escolares tiveram uma partida de dança incluída no programa. Na penumbra do salão, ao meio som de um **jazz** suavemente discreto, os pares voltejavam com distinção e leveza. Em seus vestidos compridos, na graça de suas silhuetas esguias, essas adolescentes pareciam pequenas **ladies**, muito compenetradas daquelas atividades sociais. E eles, de **smoking**, formavam a mais deliciosa coleção de Mickey Rooneys, sérios, extasiados... Por alguns momentos ficavam nos cabides as meias curtas, as boinas, as camisas de gola aberta, os sapatos de salto sport...

Já assisti a vários ensaios desses conjuntos aqui improvisados. É difícil conceber, no Brasil, a perfeição a que atingem essas bandas, orquestras ou coros estudantis. Esses meninos não são alunos de Conservatórios; vêm, todos, das **high-schools** estaduais; mas a música é uma das matérias que lhes é ministrada no currículo escolar; continuarão a cultivá-la nos **Colleges** e nas **Universidades**; os mais dotados seguirão, talvez, a carreira musi-

cal, elegendo a música como seu principal interesse nessas escolas superiores ou transferindo-se para um Conservatório. Mas todos eles a praticarão, alegremente, pela vida a fora, e virão robustecer esse excepcional público norte americano que enche todas as salas de concertos, torna possível todas as realizações artísticas, não tem vergonha de cartar e vem fazendo do seu país o mais fabuloso centro musical de todo o mundo moderno.

#### VIII

Rochester, N. Y., 2 de Dezembro de 1941

A **Eastmann School of Music**, nesta cidade de Rochester, em **New York State**, home dos aparelhos e artigos fotográficos **Kodak**, é o primeiro dos grandes Conservatórios de Música norte-americanos que tenho ensejo de visitar. E o que mais me interessava visitar, pois representando o tipo de um completo Conservatório, integrado na Universidade de Rochester, devia ter os mesmos problemas que a nossa Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro, integrada na Universidade do Brasil.

Aquí cheguei ante-ontem à noite, no automóvel do prestativo amigo Wallace Doubleday, professor de música nas escolas de Lockport, depois de uma excursão inesquecível às Cataratas de Niagara. Ele e a encantadora Mrs. Doubleday fizeram-nos as honras do dia, mostrando-nos as cataratas e recebendo-nos, para o jantar, em sua deliciosa vivenda de Lockport, que é uma cidadezinha de 4 ou 5 mil habitantes, onde Doubleday ministra ensinamentos de música vocal e instrumental em mais de 5 escolas elementares e 2 **high schools**. A noite trouxeram-nos para Rochester. E desde hontem de manhã que, excetuadas algumas horas passadas numa escola pública elementar, para observar as aulas de música, tendo vivido dentro da **Eastmann School of Music**, assistindo aulas, ensaios, concertos, irradiações, visitando as insta-

lações e, nas horas das refeições, e à noite, em companhia de Howard Hanson, seu Diretor, e de grupos de professores, tendo as mais animadas, cordiais e alegres reuniões. Porque — vão nestas linhas minhas homenagens a esse homem extraordinário — Howard Hanson é uma das personalidades mais absorventes, em virtude da profunda simpatia humana que dele se irradia, de todas as que tenho encontrado no curso de minha vida.

No seu olhar claro e distante, amortecido por lentes fortes, em sua barba e cabelos quase incolores, denunciando a direta ascendência escandinava, em seu busto curvado, meio cansado, em seu inseparável cachimbo, tão velho que reclama uma substituição imediata, há alguma coisa de misterioso, alguma coisa de diferente, que o distingue de todos esses tipos americanos com os quais tenho convivido, tão familiarmente, tão diretamente comunicativos. Confesso que a minha primeira impressão, em sua presença, foi um tanto ou quanto glacial. Mas por uns minutos, só. Porque imediatamente a sua voz afável, as suas maneiras extremamente delicadas e acolhedoras, alguma coisa de tímido e de infantil que há em sua expressão, exercem uma irresistível atração, e colocam o interlocutor sob a infalível fascinação de sua estranha personalidade. Pude perceber, muito bem, que todos, na **Eastmann School of Music** vivem sob esse jugo voluntário: alunos e professores. Hanson é para eles um ente superior; rei bondoso e amado por sua corte. Isso simplifica muito os problemas da administração do pequeno mundo que é a Escola, e explica, em parte, a facilidade e a precisão com que tudo corre por ali.

Em parte, disse, porque Howard Hanson é um admirável administrador que vive na sua Escola; vive com ela e por ela. De seu imenso gabinete, severa e ógnamente mobiliado, com dois ótimos pianos de cauda postos à disposição das atividades musicais do Diretor, ele superintende, sem limitações de horário, toda

a vida da Escola. E o que torna a **Eastmann School of Music** notável é justamente a intensidade, a plenitude de vida musical que nela palpita. Duas grandes orquestras sinfônicas formadas por alunos, ensaiam e dão concertos regularmente; uma grande banda sinfônica; um departamento de ópera, com realizações públicas na primavera; coros; irradiações semanais de obras americanas contemporâneas; recitais diários de alunos, ao meio-dia para exercício de contacto com o público; concertos dos melhores estudantes à noite (ouvi um maravilhoso cantor, acompanhado ao piano por uma colega). Nada menos de 16 Quartetos de corda, formados por alunos, preparam seu repertório, através do ano. É magnífico.

Conversando com Howard Hanson, e com os seus professores, vim a saber que os objetivos da Escola são, não os de um simples Conservatório, dedicado exclusivamente a exercitar virtuosos, no canto, nos instrumentos, na composição ou na regência, mas, realmente, os de uma Escola universitária, que concede o **Master degree** e o **doutorado** em troca de uma formação musical em que a parte mais importante é considerada a da inteligência e a da outra, e não a da habilidade interpretativa. Sem perder o saudável contacto com a prática musical — antes desenvolvendo-a, pelas rigorosas exigências do programa e intensa vida musical coletiva, a um ponto que desconhecemos, no Brasil — são os estudos teóricos, sempre tendentes a dar ao aluno o mais sólido preparo musicológico, os que mais completamente definem as tendências da Escola. Assim, por exemplo, o estudo da Harmonia, do Contraponto e da Composição, é feito sob um critério histórico e não sob o critério exclusivamente técnico que adotamos. Aos seus alunos de Contraponto o prof. Sonderlund ministra, inicialmente, noções da primitiva polifonia medieval (com exercícios sempre baseados em textos dados para musicar), passando-se depois para o alto século XV, o apogeu re-

nascentista e terminando, para o graduados, com a polifonia de Bach.

A Biblioteca da Escola, esplendidamente instalada em edifício aparte, magnificamente fornecida com todo o material essencial às pesquisas e grande soma de livros raros e manuscritos preciosos, é um admirável centro de estudo onde, como em todas as Universidades, os alunos graduados dispõem de pequenos gabinetes privados para suas pesquisas.

E não seria justo encerrar estas linhas sobre a admirável organização superintendida por Howard Hanson, sem uma referência aos dois magníficos salões de concerto da Escola, ambos harmoniosamente decorados no mesmo estilo renascentista, com grandes pinturas murais. O Kimball Hall, para música de câmara, com 500 lugares, aproximadamente, e o grande **Eastmann Theatre**, para ópera e música sinfônica, com 4.000 lugares.

Aquí se aprende não somente a conhecer a música, mas a conhecer, também, a vida musical. A viver a Música!

Filadélfia, Pa., 7 de Dezembro de 1941.

A **Free Library of Philadelphia**, neste país que tem o culto das bibliotecas e que, em todo o mundo, mais tem contribuído para o seu desenvolvimento e a sua metodologia, é a mais bela e modernamente instalada de todas as que tenho visitado. A secção de Música, clara, espaçosa, esplendidamente mobiliada, com um balcão circular onde se acha o catálogo, mesas com aparelhos fonográficos munidos de audifonos, para consulta individual, e pequenas salas à prova de som, com planos para leitura de partituras, tem conforto, dignidade, acolhedor ambiente.

A esta Biblioteca se acha incorporada desde alguns anos, a famosa coleção de obras sinfônicas (representadas, sempre, pela partitura e suficiente número de partes avulsas) reunida, durante anos de paciente e dispendioso labor, e ainda agora continuada, por Edwin A. Fleisher. Muito

ouvira falar nessa coleção. Ontem tive oportunidade de conhecê-la e de conhecer o seu organizador.

Fleisher é um homem pequenino, falador, de fisionomia viva, pontuda, impaciente. Tenho a impressão de que o seu tipo físico pode ser observado com uma certa constância entre a fauna dos grandes amadores de música, pois ele me lembrou, imeditamente, vários desses frequentadores impenitentes de concertos que conhecemos, no Rio, intolerantes, discutidores, demasiadamente confiados no seu próprio julgamento. Mas às primeiras palavras trocadas com êle qualquer apreciação menos favorável se desfaz, diante da sua gentileza e da evidente nobreza de coração que imeditamente nele se descobre.

Edwin A. Fleisher deve ter atualmente cerca de 60 anos. Começou a sua coleção há muitos anos quando, mantendo uma orquestra juvenil, para educar no culto da música um grupo de rapazes naturalmente bem dispostos para arte, pagava-lhes as lições, dava-lhes instrumentos e, como singela recompensa, reservava-se, apenas, o direito de também participar, como executante, dessa orquestra. A orquestra ainda existe, até hoje; e Mr. Fleisher, até hoje, ainda vai aos seus ensaios, e considera o seu melhor prêmio as horas dispendidas fazendo música com os jovens. Ora, foi de organizar a biblioteca de material sinfônico para esse conjunto, que nasceu, há muitos anos, a **Fleisher Collection**, hoje incorporada, por doação do autor, à **Free Library of Philadelphia**. Comprar o material impresso pelos editores, era uma questão relativamente fácil, dependendo, quase exclusivamente, da verba a empregar. Rapidamente a **Fleisher Collection** entrou em posseção de todas as obras orquestrais representadas nos catálogos das grandes casas editoras alemãs, francesas, italianas, russas, inglesas.

Depois vieram as obras já fora do mercado, de aquisição mais difícil. Completada a coleção de música impressa e de

possível aquisição, a Coleção Fleisher teve de considerar o problema das obras que, impressas ou manuscritas, não são vendidas pelos editores, mas apenas cedidas sob aluguel. Entendimentos foram feitos com os interessados, mediante o compromisso de não servir esse material para execuções públicas sem o pagamento dos direitos devidos aos editores, e rapidamente também, esse material — abrangendo quase todas as obras dos grandes autores contemporâneos, a partir de Richard Strauss, — foi integrado à Coleção em cópias manuscritas ou partes impressas adquiridas por especial concessão dos editores. Mas ainda havia uma parte — a mais extensa e a mais difícil de ser arranjada — a ser incluída na **Fleisher Collection**. Essa parte era constituída pelo imenso de obras que nunca foram editadas, que nunca foram, às vezes, nem sequer executadas, e cujos manuscritos são conservados em posse dos autores. Fleisher pôs-se em campo. Corresponder-se com os autores, viajou, mandou emissários, e hoje em dia, em sua coleção, que não tem paralelo, no mundo, pelo número e variedade das obras que inclui, em material completo, pronto para execução, figuram representantes de todas as escolas musicais do mundo, incluindo a mais numerosa participação de obras sinfônicas da América Latina, existente em qualquer parte dos Estados Unidos, música chinesa, japonesa, norte-americana, etc..

Há alguns anos Edwin Fleisher, éle mesmo, arrumou suas malas e partiu para a Rússia Soviética, afim de obter cópias das partituras dos jovens autores russos, por motivos políticos geralmente tão isolados, tão ignorados pelo mundo ocidental. Lá passou algumas semanas, e quando regressou, diante do ar assombrado e divertido da autoridade fis-

cal que o interrogava, na fronteira, para saber como havia dispendido os milhares de rublos com que entrara no país, declarou que havia comprado música e exibiu a sua volumosa bagagem... Em 1941 êle pensou em aumentar a sua já respeitável representação de música sul-americana, e despachou para os nossos países, encarregado dessa missão, o jovial Nicolas Slonimsky, ávido de cronologia, embaraçadíssimo com o particularmente intrincado jôgo de datas na vida e na obra de Villa-Lobos...

Hoje em dia, com a colaboração do W. P. A., organização do governo americano, destinada a favorecer, com trabalho temporário, renumerado em bases mínimas, os desempregados de todas as profissões (**Works Progress Administration**), a **Fleisher Collection** está adquirindo um ritmo grandioso. Cêrca de 60 músicos desempregados são utilizados como copistas, trabalhando em diversas salas da **Free Library of Philadelphia**. As partituras de compositores contemporâneos que Edwin Fleisher recebe são por eles copiadas e desdobradas em partes avulsas. Dos países mais longínquos essas partituras lhe chegam ou por empréstimo, ou já copiadas, ou fotografadas. Todas as despesas com a aquisição do novo material, exceto a mão de obra do pessoal do W. P. A., continuam a seu encargo.

Muita gente acusa a civilização norte-americana de exclusivamente materialista, de exclusivamente orientada pelas forças brutais do dinheiro. Mas a obra de dedicação e de puro desinteresse empreendida por um homem como Edwin A. Fleisher bem que nos faz esquecer o imediatismo e a rudeza de algumas dúzias de **business men**... E, nos Estados Unidos, almas como a de Edwin A. Fleisher não são exceção!

# Concertos



## TRIO ESTRELLA-BORGETH-GOMES GROSSO

Apresentou-se a 25 de Fevereiro em Sarau da Cultura Artística, pela primeira vez ao público paulistano, o Trio Estrella-Borgeth-Gomes Grosso.

Composto por artistas de notório valor, este Trio que já se fez ouvir muitas vezes no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, une em si qualidades notáveis e raras em conjuntos dessa natureza. É assim que a compreensão estilística, sobrepuja a execução técnica, verdadeiramente impecável, dominando em unidade, em coerência musical. Cada um dos componentes do Trio, em seu instrumento é artista solista consumado. Daí a razão que a muitos parece obvio não poder haver coesão musical. Não obstante esse pensamento errôneo, quanto mais perfeitos forem os executantes, melhores serão os resultados da execução em conjunto. Haja vista, por exemplo,

o Trio Estrella-Borgeth-Gomes Grosso, que nos ofereceu execuções magistrais — Schumann e Villa Lobos — de conjunto e cada um deles além do mais é absolutamente livre em suas execuções, disciplinados pelo entendimento musical e pela disciplina de seus temperamentos musicais, por excelência.

O Trio de Villa Lobos, principalmente, teve no Trio Estrella-Borgeth-Gomes Grosso, o melhor, talvez, dos seus intérpretes. Execução difícilíssima vencida com espontaneidade, sobressaindo a força da inspiração do mestre brasileiro, principalmente no Scherzo.

O Trio que foi merecidamente aplaudido pelo público da Cultura Artística, realizou em Campinas e Piracicaba, outros recitais, onde colheu grandes aplausos.

C. de O.

## IV SARAU DA SOCIEDADE BACH DE S. PAULO

O programa deste sarau foi alterado à última hora, pois três elementos do coral não compareceram por motivo de força maior.

A aria para soprano "Senhor vos peço", da "Cantata n. 166 — Para onde vais?", foi colocada em primeiro lugar.

Seguiu-se-lhe outra aria "Oh flamme divino" da "Cantata n.º 1 — Brillante etoill du Matin".

O soprano Lia Fudauer desempenhou-se agradavelmente, tendo recebido a valiosa colaboração da pianista Tatiana Braunwieser.

Ouviu-se depois sonata para piano e violino em si maior, de tema suave.

Encerrando o programa, em números extras, o mesmo soprano interpretou gentilmente mais duas aplaudidas arias.

A. Mello Godoy



SERVICOS DE MESA  
**Crystaes de Mesquita**

CONSULTE-NOS SOBRE OUTROS MODELOS  
 ACCEITAM-SE PEDIDOS DO INTERIOR PARA  
 DESPACHO URGENTE E GARANTIDO

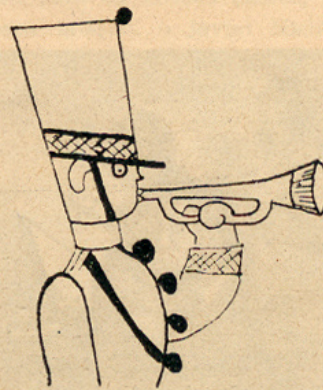
**SECÇÃO DE VAREJO**

RUA DO CARMO, 427 (Antigo 71)  
 TEL 2.7545 - SÃO PAULO

PASSAGEM DO  
 BATALHÃO SINHO

— CLOVIS DE OLIVEIRA —

(para piano — duas mãos)



“A mais linda estilização dos nossos  
 batalhões infantis”

Nova Edição — Preço: 3\$000

Pedidos à Redação de “RESENHA  
 MUSICAL” ou às melhores casas de  
 — música —

**CONCERTO SINFÔNICO**

(de 6 - 2 - 42)

A família Bach figurou por mais de duzentos anos nos anais da música alemã.

J. S. Bach nasceu na cidade de Eisenach, na Alemanha, tendo sido contemporâneo de Handel.

Quando criança tocava cravo, estudou violino e órgão. Tornou-se compositor e suas melhores obras foram destinadas aos serviços religiosos. É considerado pela generalidade da crítica o maior gênio musical do mundo. Em França, entretanto, ao seu tempo, ignoravam-no quase completamente. Só mais tarde foi ele aí conhecido e apreciado.

Sua vasta produção conta 300 cantatas religiosas, 7 missas, 149 salmos, 40 cantatas profanas, 4 oratórios, 12 sonatas, 6 sonatas para violino, 1 livro de prelúdios e fugas, etc., etc..

\* \* \*

OICCONNA, que ouvimos em primeira audição pela orquestra do Departamento de Cultura, é uma das seis sonatas de J. S. Bach, porém, numa transcrição de Mehlich, o insigne regente que a culta platéia paulista sóe sempre aplaudir.

Ouviu-se a seguir a Abertura da “Fosca” do grande maestro patricio, Carlos Gomes.

Constituiu a segunda parte do programa a “Sinfonia Patética”, n.º VI, de Tschaiakowsky, que nos seus cinco movimentos despertou viva emoção no auditório.

Compositor grandemente apreciado pois a sua obra é de cunho mais europeu que eslavo.

Salvo alguns senões, a execução agradou.

A. Mello Godoy





## Humberto Rosa

Humberto Rosa é um artista sereno e modesto. Gosta das paisagens de nosso "hinterland", com casinhas na frente e morros ao longe. — A tela UBATUBA que reproduzimos nesta pagina é bem "Umberto Rosa"

# CURURU' - "Folk-Song" Paulista

(Especial para a  
"Resenha Musical")

(Conclusão do número anterior)

Lá se vai o Roque a narrar as peripécias do primeiro casal, até a perda do Paraíso, após a tentação... E os ouvintes se engolfavam na narrativa bíblica, quando um "viva" tira-os de recolhimento com que escutam o cantor:

— Eu agora vô dá um viva,  
A esta população:  
Viva o povo de São Paulo,  
Que eu já vi que é um povo bão...

\* \* \*

Zico Moreira, "campeão" de Conchas, apresenta-se em versos. "Louva" a iniciativa de Sérgio Milliet, patrocinando a "demonstração". Põe-se, depois, a historiar a criação dos anjos, a luta entre Lusbel e a milícia divina.

Resalta, como nos demais, o tom simplesmente narrativo. A "ausência de estilo épico", que já afirmámos, alhures, ser uma das características de nossos folk-songs.

— **Tinha S. Miguel Arcanjo,**  
Em segunda posição:  
**Pulô S. Miguel Arcanjo**  
Com sua espada na mão:  
**Jogô logo Lucifer**  
Lá no poço dos dragão...

Fala das tentações. E termina, devotamente:

**DR. DALMO BELFORT DE MATTOS**  
Da Faculdade de Direito e da Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo.

— Porisso, reso neste mundo:  
Tenho medo de morrer,  
E perder a salvação...

\* \* \*

E a música continua... A segunda rodada perde algo do misticismo, que, até então dominara. O canto vem com uma letra salpicada de alusões e "picuinhas" entre os cantadores. Surgem trocadilhos. Mas o leit-motiv religioso permanece, como tema central.

Ao iniciar-se a terceira volta, o violeiro muda a rima. Passa a vigorar a "Carreira do Sagrado". Que, segundo Cornélio Pires, é uma das mais comuns no sertão.

E Agostinho improvisa a narração do Natal:

— ... E esta **lunha** apontava com  
seus raios  
Para uma rocha, onde o bol  
estava deitado...

O recital prosegue. Animado, pitoresco. Acordando no atavismo do paulista, recordações adormecidas...

## CARACTERÍSTICAS DO CURURU'

Vê-se, do exposto, o cunho religioso e regional do cururú. A letra é tipicamente nossa.

Letra de improviso. Como frisou, aliás, um dos cantadores:

— Este é o meu segundo verso,  
Vê cantá a “Carreira S. João”;  
Porém é só verso novo,  
Nós não temo repetição...

Daí, alguns chavões, Alguns modismos, — frases feitas, para repouso intelectual. Daí, os “de modo que”, de Agostinho Aguiar. Daí aqueles “ais”, tão tipicamente nossos, surgindo **ex-abrupto**, em meio à narração verificada. E que desapareceram nas modas catireiras mais recentes, para sobreviver, apenas, na zona lideira de Minas Gerais.

Verifica-se, também, a religiosidade fundamental do **folk-song**. Mário de Andrade, num preview publicado no “Diário de S. Paulo”, vaticinava uma tendência à laicização do cururú.

Essa tendência existe. Revela-se na inclusão de “louvações” profanas, nos debates ver-sejados entre parceiros, nos “vivas” extemporâneos. Até assuntos políticos foram debatidos, durante a “demonstração” a que assistimos.

Mas é apenas, uma leve deturpação, uma variante que não chega a perturbar a estrutura do conjunto. Assim é que o amor continua ignorado pelos cururuzeiros. Nem a menor alusão. Nem o mais leve remoque. O assunto bíblico permanece como básico, essencial. Quem o diz, é Zico Moreira, o trovador de Conchas:

— Ai!  
Meus senhores e senhoras,  
E meus distintos cidadãos:  
Eu quero **sê descurpado**  
Dos meus versos não ser **bão**:  
Eu quero **cantá** um pouquinho,  
Um trechico de lição...

E o tema desenvolvido é a missão de Moisés, jornadeando empoz a Terra Prometida.

\* \* \*

## A MÚSICA DO CURURÚ

Discute-se, também, o caráter racial do cururú. Afirmam numerosos folcloristas que a música se formou mercê do caldeamento, de contribuições lusas, ameríndias e bantús. Não podemos, entretanto, partilhar desta opinião.

Na “competição” que vimos comentando, não percebemos o mais ligeiro resaiço a música afro-brasileira. Nem na orquestra: formada por uma viola, um pandeiro, e requerequ, com visível predominância artística do violeiro.

Na melodia, a ausência dos membranofones típicos das tribus africanas, imprime à música um **facies** artístico totalmente diverso da musicalidade dos batuques, dos moçambiques, dos maracatús.

Chama a atenção, principalmente, a ausência do bumbo. O bumbo, imprescindível nas músicas e dansas de origem negroide, o elemento básico nas melodias africanas e afro-americanas. O bumbo, “**que domina tudo**”, no samba rural paulista, como diz Mário de Andrade. O bumbo, que parece a Geoffrey Gorer, “**o fóco de tudo**”, na Nigricia. Ou que constitue a “alma do canto” bantú, segundo Natalie Curtis. O bumbo não figura, sequer no cururú.

O papel marcante que lhe cabe nas **folk-dances** afro-paulistas, delega-se, aqui, ao violeiro. Este, sem figurar no desafio, muda a rima ao seu bel-prazer, comunicando-o, apenas, aos cantadores, em uma simples quadrinha.

O ritmo, enfim, não se assemelha ao binário do samba carioca, nem apresenta a **síncopa**, característica das criações musicais oriundas da África. Liga-se, mais estreitamente, no cateretê. E, por vezes, a música resigna-se a papel meramente secundário. Simples “fundo”, para reforço da letra.

Verifica-se, pois, a ausência de todos os elementos que caracterizam os “afro-american folk-songs”, na análise de Burchell Bachpins:

1.º — Não há predominância de membranofones;

# D. Kopenhagen

## FILIAL NO RIO:

R. Buenos Aires, 52 — Tel. 43-9740

## MATRIZ — SÃO PAULO:

R. Dr. Miguel Couto, 28 e 41  
Telefone 3-3406

Filial: R. Barão de Itapetininga, 92  
Tel. 4-39.46

FABRICAÇÃO  
DE  
ESPECIALIDADES  
EM  
**MARZIPAN**  
E  
**Chocolates**



Casemiras, Brins e Linhos, nos  
mais variados padrões, V. S.  
encontrará na

## Casa Alberto

LARGO SÃO BENTO N.º 40  
Fone 2-2336 — S. PAULO

RUA FREI GASPAR N.º 39  
Fone 4-476 — SANTOS

2.º) — A música não se apresenta sincopada;

3.º) — A letra, enfim, não se reduz a meras frases ócas, ligadas entre si por um estribilho, várias vezes repetido. Pelo contrário, — é variada, rica de ensinamentos, descritiva.

A audição, a que assistimos, no Parque Antártica (S. Paulo), veio corroborar o que já observáramos e havíamos respigado entre as opiniões divergentes dos nossos folcloristas. Julgamos, assim, poder afirmar, sem receio:

1.º) — Que o cururú tem origem erudita, criado por portugueses, aproveitando elementos musicais pre-existentes, na sociedade paulista dos séculos XVII e XVIII;

2.º) — Sofre uma laicização progressiva, nos últimos tempos, sem perder, contudo, seu cunho religioso;

3.º) — O pandeiro não figura no cururú, por influxo africano direto, e sim através do

elemento luso-mameluco. Substitue o maracá.

4.º) — A criação da letra é espontânea, revelando-se, porém, a existência de um **background** popular, que vem em socorro do cantor, nas horas de pouca inspiração;

5.º) — Inexiste, no cururú, a “consulta coletiva”, — elemento essencial no samba rural paulista, nos moçambiques, etc..

6.º) — O cururú manter-se-á, possivelmente, ainda algum tempo, como música distinta em nosso interior. Os próprios cantores estrangeiros cultivam-no com respeito. Zico Moreira, filho de portugueses, e o “cantador italiano”, “campeão” de Tietê são atestados vivos desta verdade.

7.º) — Esta música difere, pois, totalmente, das criações afro-brasileiras. Revela mentalidade diversa. E pode ser apresentada como lídima expressão da “cultura” planaltina.

# REBOLO GONZALES

---

O nome de Rebolo, há tempos, já não precisa de apresentações. — Depois das vitórias nos gramados dos campos de golf-ball, vieram as vitórias no campo das artes plásticas... —



# Microfone

Genésio Pereira Filho

## A VOZ DO BRÁSIL

Repetindo a visita do ano de 1939, apresentou-se ao microfone da Rádio Tupi, PRG-2, em dezembro último, o orfeão da Escola Normal de Mococa. A direção esteve a cargo da professora Ernestina Verri, que proficientemente dirige esse conjunto vocal, como professora de música da mesma Escola Normal.

O orfeão apresentou dois programas, um no dia 19, às 19 horas e outro no dia seguinte, 20, às 21 horas.

Como complemento, esse belo conjunto realizou diversas visitas, uma delas ao Palácio do Governo. No dia 21, domingo, foi organizada uma excursão a Santos, para onde rumou-se às 6 horas da manhã. A hospedagem foi dada na Colônia Infantil dr. Álvaro Guião; a manhã foi passada na praia e a tarde, além de uma visita ao Museu dos Pescadores, foi realizado um belo passeio marítimo, durante o qual o orfeão entoou diversos números, inclusive diante da Ilha das Palmas, naquele domingo repleto de visitantes.

Cumprir destacar ainda a apresentação na PRG-5, Rádio Atlântica de Santos. Embora haja intercalado números de música popular e algumas anedotas ao delicado e fino programa do orfeão, numa evidente demonstração de falta de compreensão, o dito programa foi interessante.

Ao valor da professora d. Ernestina Verri, é necessário que se acrescentem os esforços dinâmicos do diretor da Escola Normal Oficial de Mococa, sr. João Evangelista da Costa.

Convidado pelo ilustre diretor da Escola Normal de Mococa, o redator desta seção acompanhou o Orfeão em todas as suas visitas e passeios.

RÁDIO-IDEAL — Aqui está a emissora-ideal, isto é, aquela que apresenta somente bons programas, selecionados entre todos das nossas emissoras. Todos os gêneros de programas têm guarda na Rádio-Ideal. Os leitores de "Microfone" poderão continuar a escrever-me, indicando bons programas. Cada indicação corresponderá a um voto.

7,30 hs. — "Programa Despertador" — locutor: Murilo Antunes Alves, PRA-5;

8,30 hs. — "Programa Paraventi" — locutor: Fauzi Carlos - PRB-6.

9,00 hs. — "A Voz do Morro" — locutor: Ferreira Moisés - PRE-4.

9,30 hs. — "Nov'Arte" - PRG-9.

10,00 hs. — "Programa de Arte" — locutor: Rebêlo Júnior - PRF-3.

10,45 hs. — "Cuba-manja" - PRE-7.

11,00 hs. — "Danúbio Azul" — locutor: André Vicente Garcia, PRE-7.

11,30 hs. — "Breve e Leve" — locutor: Rebêlo Júnior - PRF-3.

12,03 hs. — "Hora Doce" — locutor: Alvise Assunção - PRE-4.

18,00 hs. — "Hora de Arte Universal" — locutor: Lourenço Amadeu - PRH-9.

18,45 hs. — "Artistas e Orquestras Célebres" — locutor: Aristides Cerqueira Leite Júnior - PRA-5.

22,30 hs. — "Hora Doce" — locutor: Alvise Assunção - PRE-4.

23,30 hs. — "Programa Oferecido por Biotônico Fontoura" — PRE-4.

# Edições Musicais

Prof. Clóvis de OLIVEIRA

## 12 CANÇÕES POPULARES RUSSAS

A. Kauffman

Finamente preparada, ilustrada com ricos clichés em cores, confecção gráfica ótima, completada por uma seleção de canções para piano e canto, escolhidas com muito critério pelo gosto artístico de Artur Kauffman, com letra de I. M., a Editora Moderna Ltda., desta Capital, lançou ao mercado com extraordinário sucesso — podemos asseverar —, um álbum de doze Canções Populares Russas: Pela rua e pela estrada; Canto do Mascate; O Circo; O Recruta; Os Pombos; O Camponês é Rei; Canção de Maio; Na frente do meu portão; Berceuse Cossaca; Canção de Caça; Infiel e Estou tão fatigado.

Não é tarefa fácil como parece à primeira vista, reunir diversas peças para a formação de um álbum ou de uma antologia. Difícil porque um álbum de músicas é como que uma revista de caráter universalista, se destina aos artistas em geral e aos que não sendo artistas também tocam piano e também cantam. Ora agradar todos esses paladares e dar harmonias para todos esses sentidos, é trabalho difícil que o prof. Artur Kauffman conseguiu sem pouco esforço porquanto harmonizou todas as melodias que soube escolher, realçadas com muita singeleza pela letra de I. M. Mais obras desse gênero carecemos afim de nos libertarmos de tantas coletaneas de inferior qualidade que existem e que proliferam por aí.

EDIÇÕES DA EDITORIAL COOPERATIVA INTEAMERICANA DE COMPOSITORES — Montevideu, Uruguai:

## QUATRO DANSAS MEXICANAS

Manoel M. Ponce

Manuel M. Ponce é um dos nomes mais notáveis da música americana contemporânea. Suas obras têm sido executadas com grande agrado pelas maiores orquestras do nosso continente. Suas "Quatro Dansas" para piano, agora editadas, são um pequeno reflexo, apenas do quanto Manuel Ponce produz de valioso e de artístico. A primeira da coleção, iniciada em andamento "Vivo" e seguida de "Meno mosso, espressivo", é de uma movimentação jogosa, muito pianística que satisfaz a qualquer bom solista. E como todas as manifestações musicais dos compositores desse importante país irmão, todas as quatro peças encantam pela variedade de efeito, de ritmo e de andamento, traduzidos por uma técnica musical excelente que põe em destaque tanto a movimentação propriamente dita como a sua própria ambiência moderna.

## QUATRO MELODIAS — André Sás

*Triolet, La fuente, Melodias 11, Amanecer*, são quatro melodias, quatro fragmentos harmoniosos dos álbuns. "Canciones Románticas", "Canciones Simbólicas e Canções Indias, do ilustrado compositor André Sás.

A obra de André Sás, é bastante extensa abrangendo até o gênero sinfônico. É um compositor de pulso em evidente evolução. Estas quatro peças não traduzem na verdade o que na realidade André Sás tem escrito de mais

musicalmente importante na sua carreira na arte de Euterpe.

#### OITO CANÇÕES CORAIS — Alfonso Letelier

Estas Oito Canções do compositor chileno Alfonso Letelier, denotam um certo cuidado extremo de escrever, cuidado êsse que produz em nós outros agradável impressão sobre o seu talento.

Suas obras, agora publicadas, são coerentes e como tal agradam aos que da música moderna apreciam a simplicidade. E a singeleza, ainda em nosso tempo, é expressão musical. A complexidade transtorna o sentido musical de uma obra muitas vezes até para o próprio autor que não compreende o labiríntico emaranhado musical (?) que inventou.

#### VALSA N.º 2 — CLORINDA ROSATO

Sobre as Valsas de Clorinda Rosato, ou melhor, sobre as composições da jovem e admirável compositora brasileira Clorinda Rosato, já tive oportunidade de me externar longamente em crônica publicada por esta revista (n.º 28/29 Ano 111). Premiando a um desejo da maior parte dos nossos pianistas, Clorinda Rosato deu à estampa, sua 2.ª Valsa, editada nesta Cappital. Não nos alongaremos no comentário de uma obra realmente bela, escrita num estilo elegante, melodicamente e harmonicamente bem tratada e ótima pianisticamente falando. É uma obra que recomendamos aos pianistas de valor afim de valorisar o reper-

tório de cada um deles com a gravação de mais uma esmeralda fulgurante no diadema musical que os notabiliza.

#### COLEÇÃO "MICKEY" — Radamés Mosca

Mickey e Minnie; O aniversário de Mickey; O presente de Mickey; Horácio e Clarabela; O xilofone. Estes são os títulos das cinco pecinhas que o sr. Radamés Mosca escreveu para os nossas crianças e G. Ricordi & Cia., editou. São fáceis, bem imaginados e atraentes dada influência atual que exerce sobre as crianças os vários assuntos que os títulos determinam.

#### DUAS PEÇAS INFANTIS

Dinorá de Carvalho

Lá vai a barquinha carregada de?...

O Burrinho Teimoso.

— A Editora G. Ricordi & Cia., de S. Paulo, procura organizar para os estudantes principiantes uma coleção volumosa de obras fáceis para piano, para o que vem publicando numerosas delas. Ainda agora, temos sobre a nossa mesa de trabalho, as duas pecinhas que Dinorá de Carvalho compôs. Interessantes e facilímas, estas pequeninas músicas se recomendam pela disposição pianística e simplicidade musical (recomendáveis também aos adultos principiantes porque a excelência da escrita musical pianística, tira aquela impressão infantil de fato, muito comuns em obras desse gênero).

---

## Indicador Profissional

---

**Ondina Bonora de Oliveira**

— Piano —

Rua D. Eliza, 50 (Perdizes) — Fone: 5-5971

**Irene Mauricia de Sá**

Piano

Rua 7 de Abril, 364 — apt. 2

**Franco Cenni**

Desenho e Pintura

Rua Pe. João Manuel, 693 — Fone: 8-3109

**Angelo Gayotto**

— Cirurgião Dentista —

Consultas das 9 às 11 e das 2 às 5 hs.

R. João Bricola, 10 - 5.º, - s. 534-535

Fone: 2-3314

**Samuel Archanjo dos Santos**

Piano — Harmonia — Teoria

Alameda Barão de Piracicaba n.º 830



# Crônica Musical da Cidade de Porto Alegre

Especial para "Resenha Musical"

Dr. Paulo Luiz Viana Guedes  
catedrático do Instituto de Belas  
Artes do Rio Grande do Sul.

## CONCLUSÃO DO N.º ANTERIOR

Tal o programa inaugural de uma série interminável de concertos que tem realizado o "Club Haydn" em seus 43 anos de existência.

Sob a regência dos maestros Romano Denis, Brunard, Adolfo Simm, Olinto de Oliveira, Eusébio Soler, Fritz Kuehling, Lourenço Cunha, Ernestino Serpa, Luiz Moreira, Hermann Kielich, José Morini, Pedro Alvares, João Dreher, Max Beutler, Hilário Weidlich, Glória Taborda, Antônia S. da Silveira, Lina Gertum, Lilly Nunes, e, de 1922 para cá, Max Bruckner, a orquestra e cõro desta sociedade já apresentaram ao público portoalegrense quasi seiscentas obras diferentes, entre as quais algumas do valor da "5.a Sinfonia de Beethoven", da "Criação", de Haydn, do "Requiem", de José Mauricio, de "La risurrezione di Lazzaro", de D. Lourenço Perosi, sem falar nos concertos dedicados a Beethoven, Haydn, Schubert, Wagner e Weber, nos diversos recitais de música brasileira e na apresentação de inúmeros solistas.

Iniciativa particular, é incalculável a soma de benefícios que vem prestando o "Club Haydn" ao patrimônio artístico do Rio Grande do Sul pela difusão cultural a que se propõe, pela apresentação de nossos melhores artistas, pela execução orquestral das obras de nossos compositores como o fez com Araujo Viana, Romano Denis — autor da "Cânção do Exílio" —,

João Dreher Sobrinho e Murilo Furtado

Este último, pertencente a uma família que, como a Fossati, de há muito está ligada à história das realizações musicais de nossa cidade, nasceu em Fevereiro de 1873. Aluno de violino dos professores Simões Junior, Giovanni Panissi e Eugênio Costa, fez os seus estudos de harmonia e composição com o Maestro Tomaz Legori.

Autor de uma série numerosa de músicas para Canto, Violino e Piano, onde se distingue a delicadeza de inspiração e simplicidade de composição, no dizer do snr. Moreira da Silva, escreveu ainda, além de uma opereta em três atos, a ópera "Sandro", sobre libreto de Artur Evangelisti, que, na noite de 24 de Setembro de 1902, estreava no Teatro São Pedro, sob a regência do autor.

Transferindo residência para São Paulo, onde atualmente vive, tem o snr. Murilo Furtado apresentado aos públicos bandeirante e carioca inúmeras composições de sua autoria, entre as quais uma sonata para violino e piano executada pelas senhoritas Sílvia e Lília Guaspari — duas talentosas artistas diplomadas pelo nosso Instituto —, que recebeu da crítica os mais francos elogios.

Outra glória da música riograndense é o nome das irmãs Hedy e Amália Iracema, cantoras das mais notáveis que temos tido.

A primeira, ausentando-se logo de nossa capital, viveu, no Velho Mundo, colhendo os louros que seu imenso talento tanto merece. Quanto a Amália, após permanência de 5 anos em Francfort, onde estudou Canto, estreava gloriosamente em Aix-la-Chapelle, na "Africana", de Meyerbeer. Numa tournée gloriosa pela Suíça, Colônia, Baden, Wiesbaden, Mannheim, Rio de Janeiro, Pôrto Alegre, Buenos Aires, foi consagrada nas interpretações de Weber, Bizet, Mascagni, Thomas e Gounod.

Dedicando-se mais tarde, em sua terra natal ao professorado, formou, entre outras, alunos como Santa Noll, Honorina C. Barbosa, Alice Moreira e Olga Pereira, que, em nosso meio, têm sido uma verdadeira continuadora da sua escola nas aulas ministradas diariamente a dezenas de alunas, quer particularmente, quer no Instituto de Belas Artes, onde é respeitada professora.

Este Instituto, estabelecimento de valor inestimável na história de nossa cultura artística deve o Rio Grande ao entusiasmo de Araujo Viana e dessa personalidade completa de cientista e esteta que é Olinto de Oliveira. Fundado em 22 de Abril de 1908, com o nome de Instituto Livre de Belas Artes, por um grupo de intelectuais e artistas, onde se contam os snrs. drs. Carlos Barbosa, então Presidente do Estado, Olinto de Oliveira, e os artistas José de Araujo Viana, Libindo Ferraz, José Morini, Julieta Felizardo Leão, Olinta Braga e Amália Iracema, passou o Instituto de Belas Artes a ser o centro da cultura artística do sul do país. Entregue, desde sua fundação, à presidência do dr. Olinto de Oliveira, obedecia este estabelecimento de ensino à direção técnica do Maestro José de Araujo Viana, cargo que ocupou até a data de sua morte, em Novembro de 1916.

Sob um programa orientado no sentido da mais ampla concepção artística, funcionavam neste estabelecimento diversos cursos de Teoria e Solféjo, Canto Coral, Harmonia, Composição e Instrumentos.

Para estes soube a direção impor uma orientação séria, visando a formação de profissionais idôneos, artistas sinceros que viam em sua arte, não mais simples passatempo, mas finalidades altamente educativas.

Não tardou muito a estes cursos se ajuntarem as aulas de Desenho, Pintura e Artes de Aplicação Industrial, que obedeciam à orientação do pintor Libindo Ferraz.

Passando sucessivamente sob a presidência dos snrs. drs. Olinto de Oliveira, Vitor Bastian, Antônio Loureiro Chaves, Ricardo Machado, José Coelho Parreira, João Fernandes Moreira, João Carlos Machado e seguindo a orientação técnica dos professores José de Araujo Viana, Henri Penasse, Guilherme Fontainha, Tasso Bolivar Dias Corrêa, J. J. de Andrade Neves e atualmente Tasso Bolivar Dias Corrêa, foi o Instituto de Belas Artes desde a sua fundação, já pelos alunos que formou, já por seus grandes empreendimentos musicais, o maior animador de nosso ambiente artístico.

Reunindo em seu corpo docente, na época de sua organização, nomes como os de Araujo Viana, Oscar Simm — verdadeiro chefe de uma escola violinística em nosso meio e por cujas mãos passaram artistas como Perí Machado, um dos maiores virtuosos brasileiros, este admirável Sotero Cosme, Dora Asmuss Graudenz, uma das mais altas expressões de nossa constelação artística, Côrte Real, grande cultor da Música de Camara, Luiz Cosme, nome já vitorioso como compositor, Fernando Hermann, Armando Albuquerque e grande número de profissionais de nossas orquestras —, Olinta Braga, concertista notável, prêmio de viagem a Paris e mestra de alunas como Celina Reis Velho, Clarinha Marques Pereira, Arací Godói, Carmen Braga e tantas outras —, Amadeu Lucchesi, professor desta glória riograndense, que é o nome de Olga Fossati e deste admirável Carlos Barone, deu o Instituto em seus 32 anos de vida ao Rio Grande o que de



# GLUCOSE GERA ENERGIA!

ASSIMILE "GLUCOSE" DIARIAMENTE NA FORMA  
DE BALAS — BONBONS — CAMELOS — ETC.

O EMBLEMA É SUA GARANTIA DE  
QUE O PRODUTO CONTEM GLUCOSE



melhor êle possui em seu cenário artístico. Não bastasse o número de profissionais e professores estaduais por êle formado, não bastassem além dos já citados, os nomes de Antonina Maineri, Célia Lassance, Alaide Pinto Siqueira, Nair Sgrillo, Demofilo Xavier, Cecília Lemos, Enio de Freitas e Castro, Julio Grau, — todos, atualmente professores neste estabelecimento — e os de Radamés Gnattali, Odete Faria, Maria Abreu Wagner, Nise Poggi Obino, Nilse Woebcke, Antonieta Monteiro, Gilda Mancuso, Regina Amaro, Iris Ritter, Diva Braga entre inúmeros outros que aí receberam sua educação estética, apontaríamos os diversos empreendimentos artísticos que tem realizado quer no terreno musical, quer no das artes plásticas, como, o admirável "Salão" de novembro último. Pode-se sem exagêro dizer que de 1910 para cá, a história musical do Rio Grande do Sul tem sido a história do Instituto de Belas Artes. Aparte algumas rea-

lizações individuais, exceção feita à vinda de artistas estranhos como Artur Napoleão, Galli Curci, Frederico Nascimento, Dusmenil e tantos outros que aqui estiveram durante a Grande Guerra, ou mais tarde como Brailowski, Zechi, Elinson, Emil Frey, Rubinstein, Moisevitich, Backaus, Friedmann, Siquora, Manem, Guiomar Novais, Alonso Anibal da Fonseca, Souza Lima para só citar alguns entre muitos, ou conjuntos de câmara e líricos, direta ou indiretamente está o nome do Instituto ligado à grande maioria dos empreendimentos musicais. Mais tarde é que foram criados o Conservatório Mozart, que de há muito segue a competente direção do prof. Schwarz Filho de quem é o nome do maestro Léo Schneider um legítimo orgulho, o Orfeão Riograndense a que se deve a montagem de algumas óperas sob a regência do maestro Roberto Eggers, festejado autor dos "Farrapos" e nas quais tanto se tem destacado os nomes

de Emílio Baldino, João Falcão, José Antônio Porcello, Edgar Lafourcade, Hartlieb Lima, Renaud Jung, Branca Bagorro, Armando Mecone, Elsa Tschoepke, Carmen Torres, Helenita Tschoepke e tantos outros, o Instituto Musical, fundado pelo prof. José Corsi e atualmente sob a direção do prof. Adolfo Fest.

O prof. Corsi junto com Guilherme Fontainha, então diretor e sábio professor de piano no Instituto de Belas Artes, foi durante algum tempo o animador da vida musical em nossa metrópole até que, com a ida d'êste último para o Velho Mundo, foi substituído pelo prof. Tasso Corrêa na cadeira que ocupava no referido estabelecimento e no cenário artístico portoalegrense.

Professor de uma infinidade de alunos, foi e é o prof. Tasso Corrêa, grande lutador em prol da causa artística em nosso meio. Ministrando aulas a centenaes de jovens, organizando com estes audições diversas, fundando a "Sociedade Cultura Musical", a "Sociedade Cultura Artística" e, mais tarde, a "Sala Beethoven", conseguiu impor definitivamente o seu nome no ambiente artístico sul-riograndense.

A "Sociedade Cultura Musical", aqui fundada em 1927, viveu até 1930, mais ou menos. Mas, enquanto durou sua efêmera existência foi grande centro de difusão musical, trazendo artistas como Chiaffitelli, que aqui realizou alguns concertos sinfônicos e de violino, e Francisco Braga, o venerando compositor brasileiro, promovendo concertos de música de câmara, organizando conferências, apresentando solistas diversos, dedicando recitais a compositores cuja obra era pouco conhecida, como a memorável noite de César Franck, efetuada em 6 de Junho de 1928, onde no mesmo programa foram executadas a sublime sonata para violino e piano por Sotero Cosme e Jan Hoog, o Prelúdio Coral e Fuga, por Nilda Guedes e o célebre quinteto para piano e arcos por Jan Hoog, So-

tero Cosme, Luiz Cosme, Radamés Gnattali e Carlos Kromer.

Foi, sem dúvida, um dos períodos mais brilhantes de nossa vida artística e a época áurea da crítica musical. Esta, que tiveram em Olinto de Oliveira um de seus grandes representantes, viu aparecer os nomes de Assuero Garritano, Fábio de Barros, Miranda Neto, Angelo Guido, João Carlos Machado, Eduardo Guimarães, Heitor Pinto da Silveira e João Santana.

A "Sala Beethoven", inaugurada em 14 de Julho de 1931, em seus 6 meses de existência realizou mais de vinte recitais. A orientação de seus programas, a alta concepção que os dirigia são um atestado flagrante da finalidade cultural a que se propunha. A série de recitais Beethoven, onde parte do repertório de câmara do mestre foi executada, é bem o reflexo da orientação estética que a animava. Mas o público não apoiou tal iniciativa e, como tantas outras, pouco tempo após fechava ela suas portas.

Começa então para nós um período de acalmia no que se refere à vida artística. Salvo as audições do Instituto de Belas Artes, raros concertos individuais, alguns empreendimentos do Club Haydn e Banda Municipal, e a organização de recitais de música de câmara pelo prof. Côrte Real, pode-se dizer que o período intermediário entre a desapareição da "Sala Beethoven" e o ano de 1935 foi de um profundo marasmo. Coincide tal época com grande desinterêsse do público pelas coisas de arte. Cada vez é mais restrita à assistência de concertos. Obras como o "Stabat-Mater", de Pergolese, executada pelo maestro Assuero Garritano com um còro de alunos do Instituto de Belas Artes são recebidas com um profundo indiferentismo.

O desenvolvimento do rádio contrariamente ao que se poderia supor em nada contribuiu para as manifestações elevadas da arte musical. As raras tentativas que fizeram as emissoras locais no sen-

**Empresa**

**Construtora Universal**

*Filiais em todos os Estados e Agências no interior*

Rua Libero Badaró, 103-107 — Telefone 2-4550

End. Telegr.: "Construtora" — Caixa Postal 2999

— São Paulo —



ORQUIDEAS  
BRASILEIRAS  
E  
ESTRANGEIRAS

VISITAI MEUS ORQUIDIARIOS

Rua Augusta, 2786 — Tel. 8-3679 ou Av. Adolfo Pinheiro, 4720  
SÃO PAULO

tido de amparo às causas artísticas foram de curta duração.

Tão pouco animador era o ambiente que os melhores de nossos artistas nos deixaram. Foi Sotero e Luiz Cosme, embarcando para a França e capital da República respectivamente, Radamés Gnattali, dando ao público carioca o melhor de seu talento, Arduino Rogliano, o notável violoncelista e Assuero Garritano.

Este último, paulista de nascimento, aqui esteve radicado durante mais de dez anos como professor do nosso Instituto. Artista na grande acepção do vocábulo, a ele deve grande parte da geração nova do Rio Grande a sua educação músico-intelectual. Ministrando sábias aulas de História da Música, inesquecíveis para quem, como nós, teve a ventura de ouvi-las, Teoria, Harmonia, Contraponto e Fuga, regendo concertos diversos, apresentando obras de sua autoria, fazendo crítica séria e abalizada em nossos periódicos, Assuero Garritano conosco lutou durante longo tempo contra adversidade de um público indifferente.

Tal período se arrastou até fins de 1934 época em que pelo Governo do Gal. Flôres da Cunha foi o Instituto de Belas Artes, em 28 de Novembro, incluído no número dos estabelecimentos superiores de ensino, constituintes da Universidade de Porto Alegre. Com tal inclusão fez-se sentir a necessidade da remodelação de seu regime interno, o que foi feito pelo Prof. Tasso Corrêa, diretor dêsse estabelecimento.

Logo se viram ampliados os cursos da referida Escola, que, a par das instrumentais, ministra a mais de trezentos alunos de Música e de Artes Plásticas aulas diárias superiores a vinte cadeiras diferentes por um corpo docente cujo número ultrapassa a trinta. Tão grande é a dedicação dêste grupo, tão desinteressada a sua boa vontade que hoje, embora desoficializado e novamente em condição de estabelecimento particular continua o Instituto de Belas Artes em sua nobre missão educati-

va, para o que conta com a colaboração dos professores Tasso Corrêa, Oscar Simm, Olga Pereira, Célia Lassance, Nair Sgrillo, Antonina Mainerri, Adolfo Fest, Demófilo Xavier, Eugênio Dias de Oliveira, Enio de Freitas e Castro, Alaíde P. Siqueira, Ida Brandt, Vitor Neves, Aurora Eboli, Alzira P. Correia Lima, Cecília Lemos, Paulo Guedes, Ana Obino Cardia, Gilda Marinho, Namur Barcelos, Ilka d'Almeida Santos, Valter Smetak, Angelo Guido, Fernando Corona, Ernani Dias Corrêa, José Lutzenberger, João Fahrion e Luiz Maristany de Trias.

Realizando audições culturais, criando seu conjunto oficial de câmara, com que procura atrair o interesse do público por meio de recitais gratuitos, tem nestes últimos tempos o Instituto multiplicado seu campo de ação. E o interesse que, aos poucos, tem sabido despertar traduz-se no aparecimento de diversas instituições musicais, que com êle lutam por um mesmo fim. Primeiro foi a "Sociedade Riograndense de Belas Artes", fundada por Angelo Guido, personalidade polimorfa de pintor, esteta, historiador, crítico de arte, professor, que foi de efêmera duração; depois as realizações do maestro Peyser, com a apresentação dos seus conjuntos de câmara e sinfônicos. Mais tarde, criava a professora Araci Godói, na Escola Normal, hoje Instituto de Educação, o Orfeão Vila Lobos a que se seguiu a criação de vários conjuntos orfeônicos em diversas escolas primárias estaduais, bem como em estabelecimentos particulares como no Ginásio Cruzeiro do Sul pelo dinamismo e entusiasmo do maestro Léo Schneider e no Asilo N. S. da Piedade e Pia Instituição Chaves Barcelos pelo compositor Vitor Neves, grande estudioso de nosso folclore e cuja primeira apresentação foi feita em 3 de Maio de 1938. Neste mesmo ano era fundada a "Associação Riograndense de Música" pelo maestro e compositor Enio de Freitas e Castro, um dos grandes animadores de nossa vida mu-

sical e a cujo devotamento e dedicação deve a cidade a existência dessa entidade que, além da realização de concertos numerosos, apresentando artistas locais, de outros Estados ou estrangeiros, acaba de lançar a edição de uma série de músicas de autores riograndenses. Depois, organização de grande alcance, aparecia na "Associação dos Professores Católicos" a primeira "Schola Cantorum" existente no Rio Grande do Sul. Foi seu fundador este admirável Andino Abreu, nome dos maiores na constelação artística do país, cantor aplaudidíssimo tanto em nossa terra quanto no Velho Mundo e que, após um silêncio inexplicável de quasi dez anos, surge novamente na direção dessa instituição. Ultimamente a instalação entre nós da "Pró-Arte do Brasil", facilitando mensalmente a vinda dos maiores artistas nacionais ou estrangeiros, a organização do Orfeão das Professoras de Música das Escolas Estaduais pelo maestro Ernani Braga e a apresentação por Tony Seitz e Lya Bastian Meyer de bailados da autoria de nosso aplaudido compositor Walter Schultz vêm se ajuntar ao que temos feito pelo desenvolvimento artístico do Rio Grande do Sul.

Não foi muito o que fizemos, mas não temos, na hora presente, razões para desanimar. A "crônica musical da cidade", aliás muito incompleta, nos mostra que sempre, em todos os tempos, existiram no Rio Grande homens abnegados que desinteressadamente fizeram da arte o seu grande ideal e que, lutando contra mil adversidades, deram o que tinham de melhor em prol da causa musical.

E se é certo ser toda história rica em ensinamentos, ensine-nos esta o devotamento e o desinteresse, certos de que a suprema função do Artista é, pelo Belo, criar uma humanidade melhor.



A consagrada artista brasileira, uma das colunas do teatro lírico contemporâneo, é uma grande apreciadora das qualidades tradicionais de sabor e aroma do

**Café  
PARAVENTI**

A SELECÇÃO MÁXIMA DOS  
TIPOS FINOS PAULISTAS

# Curio- sidade



Um agrônomo norte-americano, Jorge Tartler, acaba de publicar um estudo no qual assegura que as vacas são muito sensíveis à música, e que as impressões musicais estimulam nelas a secreção das glândulas mamárias em 20%, melhorando também a qualidade do leite.

Uma das sepulturas mais populares do cemitério de Pére Lachaise, em Paris, é a de Eloisa e Abelardo; e que recentemente, entre flores e outras oferendas dos namorados que ali vão em peregrinação, foi encontrado um disco da serenata de Schubert com a seguinte dedicatória: "Se vocês tivessem ouvida esta serenata, ter-se-iam amado ainda muito mais."

Mozart era muito rápido para compôr. É assim que "D. Juan", sua ópera, foi escrita em um mês e meio, conquanto já a houvesse preconcebido e dirigido em mente. A sinfonia, não foi senão escrita

na véspera da primeira representação da ópera. Mozart começou a meia-noite e ao amanhecer já a tinha pronta. As páginas escritas eram passadas imediatamente aos copistas, mas o trabalho destes era muito demorado e longo, que na noite do espetáculo, à hora de principiar, o auditório teve que esperar três quartos de hora pela sinfonia. Finalmente chegaram as desejadas folhas de música, úmidas ainda e cobertas de areia e foram tocadas a 1.<sup>a</sup> vista, em meio de entusiásticos aplausos.

Um ano antes de sua morte, Mozart recebeu uma visita misteriosa a que lhe pediu que escrevesse uma Missa de Requiem. Meses depois, repetiu-se a visita e Mozart começou a considerar o fato como um além-túmulo, concebendo o pressentimento de que a Missa em questão seria para si mesmo. Esse pressentimento realizou-se. Antes de acabar de escrever a Missa, Mozart foi acometido de fatal enfermidade. Suplicou, então, a um amigo que a interpretasse no seu leito de morte, e no momento em que executavam a vista se lhe escureceu, apontou ele com trêmulos dedos para um compasso de música, e, com os lábios trêmulos, procurou exprimir um defeito particular dos timbales, expirando nesse momento, ouvindo os nobres acordes de seu Requiem.

## SEU RADIO TEM DEFEITO ?

Concertos garantidos a preços  
módicos peça orçamento à

**Radio Técnica Schultz**

Rua Major Sertório N.º 209

Telefone: 4-4568

S. PAULO

## **Auro Soares de Moura Andrade**

ADVOGADO

Largo da Misericórdia, 23, 10.º andar,  
salas 1004/6 — Fone 2-5730 (Edifício  
"Ouro por São Paulo") — S. PAULO



# V A R I A S



Prof. SÍLVIO DE SOUSA,  
Diretor do Conservatório Musical de Marília

**CONSERVATÓRIO MUSICAL "SANTA CECILIA", DE MARILIA** — Acaba de ser concedida pelo sr. dr. Secretário da Educação, ao Conservatório Musical "Santa Cecília" de Marília, dirigido pelos provecos professores Sílvio de Souza e Dna. Francisca de Souza, a inspeção preliminar de acôrdo com o Decreto que regula o ensino artístico no Estado de S. Paulo.

Marília com o seu Conservatóriô, coloca-se na vanguarda das cidades paulistas no setor artístico. Dentre em pouco Marília, a bela "caçula" das cidades de São Paulo, será o maior centro de cultura artístico-musical do "hinterland" paulista, para o que conta com os esforços do maestro brasileiro Sílvio de Souza, ilustre Diretor e fundador do Conservatório Musical "Santa Cecília".

**ARNALDO ESTRELLA** — Este notável pianista patricio, visitou a Redação de "RESENHA MUSICAL" em 25 de Fevereiro passado, tendo se feito acompanhar pelo sr. Arlindo Gomes. Após prolongada palestra com os Diretores desta revista, deixou no livro especial, o seguinte termo:

"TODA INICIATIVA QUE BENEFICIE A ARTE E OS ARTISTAS SÓ PODE SER LOUVADA POR ESTES.

E O ÚNICO DESEJO QUE SE TEM É DE QUE PROGRIDA SEMPRE.

CLOVIS DE OLIVEIRA E SUA ESPLENDIDA "RESENHA MUSICAL" SÃO MERECEDORES DA SIMPATIA E DA COLABORAÇÃO DAQUELES QUE, COMO ELE, LUTAM POR UM FUTURO MELHOR PARA A MÚSICA NO BRASIL."

São Paulo, 25 - 11 - 1942

(a.) ARNALDO ESTRELLA

O sr. Arlindo Gomes, conhecido sobrinho de Carlos Gomes, o imortal compositor brasileiro, e filho do maestro Santana Gomes, igualmente notável, deixou esta frase amiga:

A "RESENHA MUSICAL" MINHA ADMIRAÇÃO E APREÇO."

(a.) Arlindo Gomes — 25 - 2 - 42

**ERNANI BRAGA** — Acha-se presentemente em Buenos Aires, onde realizará concertos o notável compositor brasileiro Ernani Braga.

**MARISA REGULES** — Essa famosa pianista argentina encontra-se atualmente realizando concertos nos Estados Unidos.

**CONCERTOS NOS ESTADOS UNIDOS** — Realizaram concertos em Nova York, neste princípio de ano, os artistas: pianistas Eugene List, Jencks, Robert Stevenson, Edna Belgum, Horowitz, Huberman, Bartlett e Robertson (2 pianos), Luboshutz e Nemenoff (2 pianos), Artur Rubinstein, Eugene Gash, A. Borowsky, K. Eyman, Kasman, G. Leroux, M. Rosenthal, Emile Baume, Ray Lev, A. Navarro, e outros; violinistas: Mishel Piastro, Artur Le Blanc, Heifetz, Byrd Elliot, Morini, e outros; violoncelistas: Joseph Schuster, Gregor Platigorsky, e outros; cantoras Lídia Summers, Lily Pons, Leslie Frick, Caterina Jarboro (soprano **colored**), Marion Anderson (**colored**), Ruth Diehl, Maria Maximovitch, e outras; teremin, Lucie Bigelow Roosen; Declamação, Mary Grary; e os notáveis concertos das orquestras de Filadélfia, Boston, N. Y. City Symphony Orch., sob a regência de Ormandy, Koussevitz, e outros.

**TEATRO EXPERIMENTAL** — O maestro Pedro Paggi, fundou em Buenos Aires, um Teatro Experimental, com o fim de preparar artistas para a arte lírica.

**AMIGOS DA MÚSICA, Milão:** — Atuaram nos últimos concertos dessa importante sociedade os pianistas Nino Rossi, Backaus, They, Maria De Salvo, os violinistas Pierangelli, Ferraresi e Vasa Prihoda, o célista Bonucci, soprano Panizzera, Trio Santoliquido-Pelliccia-Anfitheatrof, Quarteto Strub e a Orquestra de Camara de Berlim.

## SUPLEMENTO MUSICAL

— A V I S O —

*O presente número não é acompanhado  
de Suplemento Musical.*

*A Direção*

**O maior sucesso do ano!**

**12 CANÇÕES POPULARES  
RUSSAS**



**Em todas as Casas de Musica**

O  
**BRINDE**

**ESTÁ NA**

**Qualidade**



**Café**

**Palmeiras**

**EXTRA**

**FINO**



Marca Registrada

TAPETES FEITOS A MÃO  
Executam-se sob encomenda em qual-  
quer estilo e formato

MANUFATURA DE TAPETES

**Santa Helena Ltda.**

Matriz — São Paulo

R. ANTONIO DE QUEIROZ, 183

Fone: 4-1522

Filial — Rio de Janeiro:

R. DO OUVIDOR, 123 — 1.º ANDAR

Fone: 22-9054

**TINTURARIA**



**SAXONIA**

LAVAM — LIMPAM — TINGEM-SE

Oficina e Escritório:

Rua B. de Jaguará, 980 — Tel. 3-7214

Agência:

Rua Senador Feijó, 50 — Tel. 2-2396

TAXA PAGA

Of. Gráf. "Legionario" — Rua Imaculada Conceição, 59 — Tel. 5-1536 — S. Paulo